

Inteligência artificial e os desafios da descolonização digital¹

Beatriz Araujo Panza Pereira²

Alan César Belo Angeluci³

Universidade de São Paulo – USP

RESUMO

Este trabalho investiga como as inteligências artificiais (IAs) reproduzem lógicas do colonialismo digital, articulando a plataformização e a manutenção de desigualdades epistêmicas e geopolíticas. Com base em revisão bibliográfica descritiva de 17 obras publicadas entre 2018 e 2025, o estudo analisa autores como Couldry e Mejías (2019), Ricaurte (2019) e Faustino e Lippold (2023). Identifica-se que as IAs funcionam como infraestruturas sociotécnicas de dominação, operando por meio da extração de dados, vigilância e imposição de epistemologias hegemônicas. Ao mesmo tempo, também emergem práticas de resistência, como quilombos digitais e redes autônomas de saber. No Brasil, o trabalho aponta desafios estruturais à descolonização digital, como exclusão tecnológica, dependência de big techs e fragilidade institucional, reforçando a urgência de políticas públicas integradas e epistemologias plurais.

PALAVRAS-CHAVE

colonialismo digital ; descolonização ; plataformas ; inteligência artificial.

CORPO DO TEXTO

O uso intensificado de tecnologias digitais, especialmente da inteligência artificial (IA), tem promovido transformações não neutras nas dinâmicas sociais, políticas e comunicacionais. A concentração de poder algorítmico, o domínio das big techs e a centralização dos fluxos de dados configuram novas formas de dominação, que Couldry e Mejías (2019) denominam colonialismo digital. Partindo da hipótese de que os sistemas de IA reproduzem assimetrias coloniais ao extrair dados de populações periféricas, reforçar estruturas de controle e naturalizar epistemologias hegemônicas, este estudo adota uma abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica.

O corpus é composto por 17 obras publicadas entre 2018 e 2025, selecionadas nas plataformas SciELO e Google Acadêmico. A análise foi guiada por descritores

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em ciências da comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – USP. E-mail: beatrizpanza@usp.br.

³ Orientador. Professor doutor dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes - ECA da Universidade de São Paulo - USP. E-mail: aangeluci@usp.br.

como “colonialismo digital”, “inteligência artificial” e “descolonização tecnológica”, priorizando perspectivas críticas e decoloniais.

A fundamentação teórica baseia-se em três eixos: (1) o conceito de colonialismo digital de Couldry e Mejías (2019), que relaciona vigilância, extração de dados e desigualdade global; (2) a crítica à epistemologia algorítmica de Ricaurte (2019), que mostra o apagamento de saberes não hegemônicos pelas infraestruturas de dados; e (3) a crítica hacker-fanoniana de Faustino e Lippold (2023), que propõe formas insurgentes de resistência sociotécnica.

Os resultados indicam que as IAs atuam como dispositivos coloniais contemporâneos, atualizando lógicas de acumulação primitiva por meio da datificação (Faustino & Lippold, 2023). Desenvolvidas majoritariamente no Norte Global, essas tecnologias impõem modelos epistemológicos que invisibilizam saberes do Sul e geram dependência tecnológica crescente em países periféricos (Pontes, 2025), comprometendo a soberania digital. Pasquinelli e Joler (2021) expõem ainda a cadeia de exploração algorítmica que sustenta essa lógica, enquanto Oliveira e Neves (2023) defendem que a descolonização da IA demanda uma reestruturação epistemológica e política ampla. No Brasil, destaca-se a persistência da exclusão digital (Silva, 2022), a fragilidade institucional e a urgência de políticas públicas que promovam a autonomia tecnológica.

Como resposta, o estudo mapeia práticas relevantes de descolonização, como quilombos tecnológicos organizados por movimentos sociais, etnografia crítica dos dados (Munhoz et al., 2024) e propostas coletivas de resistência. Em resumo, esta pesquisa contribui para a compreensão crítica das resistências digitais em contextos periféricos, com ênfase na articulação entre comunicação, tecnologia e poder, apontando caminhos para usos mais plurais e emancipatórios do digital.

REFERÊNCIAS

Couldry, Nick; Mejías, Ulises Aliaga. **The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism**. Stanford: Stanford University Press, 2019.

Faustino, Deivison; Lippold, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo, 2023.

Munhoz, Tatiane; Perin, Laura; Ribeiro, Carla. **Justiça informacional e etnografia dos dados**. São Paulo: Editora Autonomia Digital, 2024.

Oliveira, Márcio; Neves, Bruna. **Escrita acadêmica automatizada e colonialismo epistêmico**. Revista de Epistemologias do Sul, v. 8, n. 1, p. 22–39, 2023.

Pasquinelli, Matteo; Joler, Vladan. **O manifesto Nooscópio: Inteligência Artificial como Instrumento de Extrativismo do Conhecimento**. Tradução de Leandro Módolo e Thais Pimentel. Karlsruhe University of Arts and Design (KIM research group) e Share Lab (Novi Sad), 1 maio 2020. Disponível em: <https://nooscope.ai>. Acesso em: 12 abr. 2025.

Pontes, João Marcos. **Tecnopolítica, soberania e colonialismo digital**. Recife: Editora UFPE, 2025.

Ricaurte, Paola. **Data epistemologies, the coloniality of power, and resistance**. Television & New Media, v. 20, n. 4, p. 350–365, 2019.

Silva, João Luiz. **Exclusão digital no Brasil: determinantes e impactos**. Revista de Políticas Públicas Digitais, v. 11, n. 3, p. 41–52, 2022.